



# *Viagens na minha terra: perfeita adequação entre código e canal para uma boa comunicação*<sup>1</sup>

*Viagens na minha terra: perfect match between code and medium for a good communication*

ANA CLÁUDIA MUNARI

Universidade de Santa Cruz do Sul – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

ANTONIO HOHLFELDT

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/CNPq – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



**Resumo:** O artigo faz uma revisitação ao livro *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, mostrando que a escolha de publicá-lo em uma revista semanal está diretamente ligada à opção estilística do autor de produzir um texto que concretizasse, pela imprensa, a sua preocupação didática, enquanto militante político em prol do liberalismo, da democracia e da liberdade em geral, de informar e explicar ao povo, sobretudo aquele menos letrado, os acontecimentos de seu tempo. Inclassificável para muitos, nele Garrett recriou a língua oral portuguesa e buscou o diálogo com o leitor, fazendo a ficção mostrar sutilmente a realidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Literatura; História da imprensa; Crítica Literária; Revista Universal Lisbonense

**Abstract:** This article revisits the book *Viagens na minha terra* by Almeida Garrett and it shows up that the choice to publish it in a weekly magazine is directly linked to the author's stylistic choice to produce a text that might crystallize by press its didactic concern as a political activist in favor of liberalism, democracy and freedom in general, to inform and explain to the people, especially those less literate, the events of his time. Unclassifiable for many, through it, Garrett recreated the Portuguese oral language and sought dialogue with the reader, making the fiction shows subtly the reality.

**Keywords:** Journalism; Literature; Press' history; Literary criticism; Revista Universal Lisbonense

Produto da maturidade do escritor João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett,<sup>2</sup> mais conhecido literariamente apenas como Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, embora tenha alcançado imenso sucesso literário e popular, desde o início de sua divulgação, pelas páginas da *Revista Universal Lisbonense*,<sup>3</sup> em 1843, e depois, em livro, a partir de 1846, sempre desafiou seus

estudiosos quanto a uma sua eventual classificação entre os gêneros literários.

## 1 Variação e novidade

“Mistura de relato de viagens com ensaísmo, em que se mete algo de reportagem, uns versos de poesia e

<sup>1</sup> A ideia deste artigo nasceu durante uma viagem entre a cidade do Porto e a de Santiago de Compostela, quando discutíamos com o Dr. Jorge Pedro Souza (Universidade Fernando Pessoa) a importância do escritor português e os motivos da enorme repercussão popular e no cânone literário português desta obra. A Jorge Pedro, pois, o agradecimento e a dedicatória dos autores.

<sup>2</sup> Ver, dentre outros, o prefácio de Marcelo Backes para a edição de Garrett da *Mercado Aberto*, “Um autor sem escola”. (Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999, p. 7.)

<sup>3</sup> Alguns autores registram, erradamente, *Revista Universal Lisboense* e outros pretendem que seja *Revista universal ilustrada*, como ocorre no prefácio de Júlio Dantas para o “Prólogo” a uma edição das edições de

Garrett (GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto: Moderna, Sem data). Mas trata-se da segunda edição. Uma simples consulta à edição facsimilada da publicação, contudo, não deixa dúvidas quanto a seu título correto, *Revista Universal Lisbonense*, conforme Cabral (CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1999, p. 44), ou a consulta ao site da Hemeroteca Municipal de Lisboa, que vem realizando a digitalização de seu acervo, a cargo do Dr. Álvaro Mattos: <<http://www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/RUL.htm>>. A revista circulou a partir de 1º de outubro de 1841. Circulava semanalmente, às quintas-feiras, conforme se lê na primeira página da edição de lançamento, com 12 páginas.

um romance inteiro”, afirma Marcelo Backes,<sup>4</sup> ecoando outros pesquisadores. De fato, João Gaspar Simões, em estudo sobre o escritor, indaga-se, em certo momento: “[...] que espécie de livro é? Que é que Garrett tinha em vista ao escrevê-lo?”<sup>5</sup> voltando ao assunto mais adiante, para reconhecer ser um “livro inclassificável”,<sup>6</sup> mas que se tornaria modelar.<sup>7</sup> Mais recentemente, também Álvaro Manuel Machado reconhece que o trabalho “não pode ser rigorosamente considerado um romance histórico”, apesar das referências que o próprio escritor faz a Walter Scott e Vitor Hugo.<sup>8</sup> Outros autores contemporâneos, como Ofélia M. Caldas Paiva Monteiro, fala em estilo digressivo,<sup>9</sup> referindo, mais adiante, a variedade de estilos utilizados pelo autor em sua narrativa.<sup>10</sup>

O próprio Garrett parece ter consciência de que está a fazer alguma coisa nova e diferente, conforme alguns de seus críticos registraram. Escreve ele, na abertura do texto:

Neste despropositado e inclassificável livro das minhas Viagens, não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir em tão embaraçada meada.<sup>11</sup>

De fato, como já registramos acima, o texto se apresenta profundamente variado. Vale lembrar um levantamento, que serve como que um roteiro de leitura, promovido por José Pereira Tavares, com foco especial no romance entre Joaninha e Carlos que, afinal, são os heróis do trecho e justificam, para muitos, a emoção da leitura:

O romance de Joaninha, que ocupa parte considerável da obra, principia no final do capítulo XI e segue no capítulo XII; o capítulo XIII corta o fio da história, que recomeça no capítulo XIV e segue, sem grandes divagações, até o capítulo XXV: continua depois a narração somente no capítulo XXXII e prolonga-se até o capítulo XXXV; nova interrupção até o capítulo XLII, inclusive, e o final do romance é constituído por uma carta de Carlos a Joaninha, que ocupa os capítulos XLIV a XLIX, com que fecha a obra.<sup>12</sup>

Ou seja, evidencia-se que o *romance* não é necessariamente o *cerne* da obra, ao menos, não para o autor? A resposta precisa ser ponderada: certamente *Viagens na minha terra* não foi pensado *enquanto* um relato mais ou menos romântico, no sentido comum do termo, mais ou menos *folhetinesco*, também naquele sentido mais tradicional de um enredo melodramático e de final feliz, que nem isso existe no texto. Mas, à medida que ele avança, o romance, que poderia ser apenas um *adereço* ou um *chamariz* para o grande público, o chamado leitor *popular*,<sup>13</sup> acaba por se transformar, certamente, numa espécie de *chave* do texto, para uma

leitura mais crítica e sutil, embora mais importante, já que nem o contexto político permitiria tanta transparência nem talvez o próprio escritor a desejasse.<sup>14</sup>

A aparente gênese da obra é bem conhecida: “escritas no regresso de sua digressão ao vale de Santarem”, afirma João Gaspar Simões,<sup>15</sup> ela apresenta duas influências explícitas, a de Xavier de Maistre (de que se constitui a epígrafe do primeiro capítulo) e a de Laurence Sterne, na verdade, pela organização da obra, mais deste do que daquele. Se a literatura portuguesa estava historicamente marcada pelas grandes viagens oceanos afora,<sup>16</sup> Garrett, de certo modo, inaugura a literatura de viagens internas, neste caso, duplamente interna, porque dentro do território português e, de outro lado, dentro de si mesmo, já que, também segundo boa parte dos intérpretes do escritor, o personagem Carlos é o alter ego de Almeida Garrett e por isso o romance entre Carlos e Joaninha adquire, naquela segunda leitura que mencionamos, um simbolismo fundamental, a que retornaremos logo em seguida.

## 2 O contexto da criação da obra

Façamos agora, contudo, uma digressão pela biografia de Almeida Garrett, contextualizando sua história com alguns acontecimentos da história política e cultural de Portugal. Garrett nasceu na cidade do Porto, em uma família burguesa, abastada e conservadora.<sup>17</sup> Em 1809, experimentará seu primeiro exílio, motivado pela invasão francesa de 1808. A família dirige-se

<sup>4</sup> BACKES, Marcelo. “Um autor sem escola”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999, p. 7. O itálico é de nossa autoria e terá explicação mais adiante. Guarde o leitor, de qualquer modo, desde logo, esta observação aparentemente ligeira mas que pretendemos seja a chave para a leitura deste texto e a sua repercussão, mais na época do que hoje em dia.

<sup>5</sup> SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*. Lisboa: Presença, 1964, p. 131.

<sup>6</sup> SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*, Lisboa: Presença, 1964, p. 139.

<sup>7</sup> SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*, Lisboa: Presença, 1964, p. 141.

<sup>8</sup> Machado, Álvaro Manuel. “Almeida Garrett: Mitologia nacional e romantismo europeu”. In: *Bibliotheca Portucalensis*. Porto: Biblioteca Pública municipal de Lisboa, II série, edição 13-14, 1998-1999, Edição comemorativa ao bicentenário do nascimento de Almeida Garrett, p. 72-73.

<sup>9</sup> MONTEIRO, Ofélia M. Caldas Paiva. “Introdução”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Atlântida, 1973, p. 14.

<sup>10</sup> MONTEIRO, Ofélia M. Caldas Paiva. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Atlântida, 1973, p. 29.

<sup>11</sup> GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: FTD, 1992, p. 148, cap. XXXII.

<sup>12</sup> TAVARES, José Pereira. “Prefácio”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Sá da Costa, 1954, p. XIX e XX.

<sup>13</sup> Voltaremos a esta perspectiva mais adiante, em nossa análise.

<sup>14</sup> Almeida Garrett não tem qualquer identidade com o momento político-ideológico que se desenvolve. Para muitos intérpretes do escritor, tanto este trabalho quanto os poemas de *Folhas caídas* são textos mais de desilusão que de denúncia da situação.

<sup>15</sup> SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*. Lisboa: Presença, 1964, p. 133.

<sup>16</sup> GRAÇA, Luís. *A visão do Oriente na literatura portuguesa de viagens: Os viajantes portugueses e os itinerários terrestres (1560-1670)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.

<sup>17</sup> Utilizamos a cronologia encontrada em Cabral (CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*, op. cit., p. 11 e 12).

para os Açores. Em 1816, o jovem está matriculado na Universidade de Coimbra, onde estuda Direito e participa, entusiasmado, da revolução liberal de 1820, o chamado vintismo. Em 1823, contudo, experimenta o segundo exílio, motivado pelo movimento da Vilafrancada,<sup>18</sup> que pretende derrubar a administração liberal implantada no país. Volta em 1826, com um decreto de aparente anistia. Inicia-se no jornalismo, mas é preso pela edição de *O Português*, um dos jornais que publicou nesta época. Exila-se mais uma vez na Inglaterra, quando do golpe de Dom Miguel, integrando-se em seguida às tropas de Dom Pedro IV,<sup>19</sup> que derruba o irmão e reinstaura a democracia em Portugal.<sup>20</sup>

Entre 1822 e 1823, em pleno debate sobre o futuro do Brasil, em sua relação com Portugal, fora empregado da Secretaria dos Negócios do Reino. Com a vitória de Dom Pedro IV, é nomeado Cônsul geral em Bruxelas e depois Inspetor Geral dos Teatros, empenhando-se na criação do Conservatório de Arte Dramática e na construção do Teatro Nacional Dona Maria II, em Lisboa. É um dos redatores da Constituição de 1838. Opõe-se ao cabralismo,<sup>20</sup> na medida em que identifica a substituição dos antigos barões da aristocracia pelos novos barões da burguesia e empenha-se na defesa de uma lei sobre a propriedade literária, opondo-se (e não só nisso, por certo) a Alexandre Herculano,<sup>21</sup> que entendia ser a criação literária uma contribuição voluntária do escritor para a

tradição artística de seu país e de sua cultura. Discordando permanentemente de uma série de decisões, que considera como desvios do grande projeto liberal que idealizara, Garrett vai-se tornando gradualmente moderado, chegando a ser nomeado Par do Reino e recebendo o título de Visconde. Entre 1852 e 1853, não obstante, apóia a Regeneração,<sup>22</sup> sendo designado Ministro dos Negócios Estrangeiros, mas é em seguida demitido e nomeado plenipotenciário para negociações com a Cúria Romana. Vem a falecer em 9 de dezembro de 1854.

Por que este panorama histórico e político é importante? Porque ele estabelece relação direta entre a vida privada e a vida pública do escritor que, em sendo um militante constante e fiel defensor das liberdades civis, especialmente a liberdade de livre expressão, que se objetivaria na liberdade de imprensa, participa ativamente de todos esses acontecimentos, durante os quais recebe encargos ou sofre perseguições, o que vai resultar em seus pelo menos três exílios, que influenciam decisivamente sua obra.

Registrada esta relação genérica, digamos, entre personagem e acontecimentos contextualizados de sua época, queremos fazer um recorte específico a respeito do jornalismo e de sua função, quer para Portugal, quer para a obra do escritor, neste caso, enquanto criador literário e enquanto jornalista.<sup>23</sup>

Em 1826, Garrett retorna a Portugal para dedicar-se ao jornalismo; engaja-se diretamente na luta liberal. Perseguido politicamente, foi obrigado a retornar ao antigo exílio, a Inglaterra. É dessa época o início dos estudos dos romances populares portugueses, que vêm desde a Idade Média. Politicamente, Garrett procura aproximar-se dos monarquistas liberais. Em 1831, funda em Londres o jornal *O precursor*, em que defende a união dos liberais em torno de Dom Pedro IV, que havia abdicado do trono brasileiro.<sup>24</sup>

A síntese, aparentemente simples, apresentada pelos dois estudiosos é, na verdade, extremamente precisa e identifica um marco na vida e na obra de Garrett: deve-se entender que, em 1826, o jovem escritor retorna da Inglaterra para fazer política através da imprensa.

Almeida Garrett já colaborara com algumas publicações, anteriormente: o levantamento do catálogo da exposição “Garrett jornalista”, aqui já mencionado, relaciona *O patriota* (Lisboa), em que, entre 1820 e 1821 Garrett escreve artigos políticos; *A Borboleta Constitucional* (Porto), com uma carta enviada ao editor, em 1821; *O Patriota Funchalense* (Funchal, Açores), onde, no mesmo ano, é publicada sua carta agradecendo o fato de o jornal ter adotado alguns versos seus como epígrafe da publicação, como era comum então; *O Português constitucional regenerado* (Lisboa), em que,

<sup>18</sup> Revolução – na verdade, tentativa de golpe de estado – liderado por Dom Miguel, a partir da Vila Franca de Xira, em 27 de maio de 1823, ainda no governo de Dom João VI, contando com a participação da Rainha Carlota Joaquina.

<sup>19</sup> Trata-se de Dom Pedro I, no Brasil, que enfrenta o irmão, quando este se apropria do trono e tenta reinstaurar o antigo regime da aristocracia.

<sup>20</sup> Cabralismo é a designação pela qual ficou conhecido o período, de 1842 a 1846, em que António Bernardo da Costa Cabral dominou a política portuguesa. O *cabralismo* caracterizou-se pela adoção da doutrina constitucional contida na restaurada Carta Constitucional de 1826, tomada como um dogma a respeitar escrupulosamente, permitindo assim criar um enquadramento estável que foi explorado pelo governo de Dona Maria II.

<sup>21</sup> Se Garrett liga-se a diferentes publicações e edita *Viagens na minha terra* através das páginas da Revista Universal Lisbonense, Herculano está diretamente envolvido com a publicação da revista *O Panorama*, a partir de 1837, ao mesmo tempo em que colabora com diferentes outras publicações, inclusive com a já mencionada *Revista Universal Lisbonense*. Ver, a respeito: SILVA, João Lourival da Rocha Oliveira. *O Panorama” (1837-1844): Jornalismo e ilustração em Portugal na primeira metade dos oitocentos*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. 2013. Tese, mimeografada.

<sup>22</sup> Regeneração é a designação dada ao período da *Monarquia Constitucional* portuguesa que se seguiu à insurreição militar de 1º de Maio de 1851, que levou à queda de *Costa Cabral* e dos governos de inspiração *setembrista*. O período da Regeneração durou cerca de 17 anos, terminando com a revolta da *Janeirinha*, em 1868, que levou o *Partido Reformista* ao poder. A *Regeneração* foi caracterizada pelo esforço de desenvolvimento econômico e de modernização de *Portugal*, a que se associaram pesadas medidas fiscais.

<sup>23</sup> No sentido que se lhe pode dar à expressão, na época, isto é, *o publicista* – na melhor tradição britânica dos Jonathan Swift, Daniel Defoe e John Milton: a livre divulgação e debate de ideias através da imprensa, junto à opinião pública.

<sup>24</sup> ABDALA JUNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida (Orgs.). *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982, p. 83 e 84.

ainda em 1821, publica dois artigos, um de fundo político e outro de cunho literário; *Jornal da Sociedade Literária Patriótica* (Lisboa), onde, em 1822, duas intervenções suas são transcritas em sessões da entidade. Chegara, mesmo, a editar *O toucador* (Lisboa), “periódico sem política, dirigido às senhoras portuguesas”, cuja responsabilidade de publicação, ao longo de suas sete edições, repartiu com Luiz Francisco Midosi, a partir de fevereiro de 1822.<sup>25</sup>

A importância de *O toucador* não é apenas por ser uma demonstração de amor ou ter-se tornado uma espécie de antecipação do romantismo português, mas sobretudo, como afirma Joaquim Matos, é que,

para quem ler *O Toucador* e, de seguida, ler as *Viagens na minha terra*, terá forçosamente de concluir que se trata do mesmo autor, mesmo que o ignore. E uma análise posterior comparativa, se a fizer, virá confirmar esta asserção. Uma linguagem coloquial, de contacto directo e íntimo com o público, como se estivesse presente, como o desejou Fernão Lopes, é aí a sua primeira preocupação, pela finalidade dos seus escritos e pela introdução consciente de uma nova linguagem, oposta à tradicional de preocupações literárias.<sup>26</sup>

Ou seja, apesar de este ser um jornal apolítico, como se declara expressamente, ele abre a série de publicações pelas quais Garrett tornar-se-á responsável, inclusive investindo capital próprio. E se este teve uma motivação muito particular, os demais estarão voltados fundamentalmente para uma perspectiva de militância política. Mas o que importa, em última análise, é que este conjunto de textos será evocado, retomado e retrabalhado pelo futuro autor de *Viagens na minha terra*, sobretudo quanto ao aspecto da naturalidade e oralidade de seu estilo.

Observe-se que, já em 1824, Almeida Garrett é dado como colaborador de *O popular* (Londres), “jornal político, literário e comercial”, antecipando a redação e edição de *O Português* (Lisboa), de que participa exatamente após seu retorno a Portugal, ao lado do mesmo Luís Francisco Midosi, seu irmão Paulo, Carlos Morato Roma, Joaquim Larcher e António Maria Couceiro.<sup>27</sup> Trata-se, exatamente como o anterior, de um “diário político, literário e comercial”, a fim de formar e esclarecer a opinião e de reanimar o partido liberal. Seguir-se-ão *O chronista* (Lisboa, 1827), *O Chaveco liberal* (Londres, 1829), *O Correio dos Açores* (Londres, 1830), *O Pelourinho* (Angra do Heroísmo, 1830), *O precursor* (Londres, 1831), *O Português constitucional* (Londres, 1832), *Crónica Constitucional de Lisboa* (Lisboa, 1833), *O Correio das damas* (Lisboa, 1836), *O Português Constitucional* (Lisboa, 1836),<sup>28</sup> *O Nacional* (Lisboa, 1834), *Correio de Lisboa* (Lisboa, 1837), *O Entre-acto* (Lisboa, 1837),<sup>29</sup> *O biógrafo* (Lisboa, 1838),

*O Constitucional* (Lisboa, 1838), *Universo pitoresco* (Lisboa, 1839), *Jornal do Conservatório Real de Lisboa* (Lisboa, 1840), *O Português* (Lisboa, 1840) e *A Revolução de setembro* (Lisboa, 1840) até chegarmos à *Revista Universal Lisbonense*,<sup>30</sup> em que tentará por duas vezes publicar *Viagens na minha terra*, sendo que, na segunda tentativa, logra editar o texto por inteiro, e cujo sucesso leva a uma edição em livro, em 1846. Garrett ainda continuaria a escrever em mais de uma dezena de jornais e revistas, a última das quais *A semana* (Lisboa, 1850), “jornal literário e instructivo”, que durou até 1852, tendo dele sido publicadas seis edições.

### 3 Uma publicação universal

A *RUL* foi um semanário generalista, editado regularmente entre outubro de 1841 e junho de 1853, embora tenha perdurado até 1859, de forma intermitente.<sup>31</sup> Trata-se, portanto, de um produto da Monarquia Constitucional, contemporâneo das últimas lutas liberais e do arranque do movimento regenerador que aglutina a nação em torno do projeto de desenvolvimento material do país.

Durante esses anos de vida, conheceu três diretores: António Feliciano de Castilho (1841-45), José Maria da Silva Leal (1845-47) e Sebastião José Ribeiro de Sá (1848-53) – e algumas reformulações, mas no essencial, o projeto manteve as características que lhe dão identidade.

A primeira edição é lançada a 1º de Outubro de 1841, quinta-feira, com o título de *Revista Universal*

<sup>25</sup> COSTA, Jorge. “Catálogo”. In: CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*, Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1999, p. 21. Conta-se que Garrett conheceu a irmã de Midosi, a jovem Luísa, de apenas 13 anos, com quem se casaria nove meses depois. Foi para ela que ele teria redigido esta publicação. No catálogo mencionado, observa-se: “Até este momento, G. desempenhou apenas o seu papel de jornalista ao nível de colaboração em várias folhas periódicas. A partir daqui acentuou-se a sua actividade jornalística, com a fundação, por si próprio, de alguns jornais” (p. 26, nota 3). Todos os textos sobre modas, namoro, bailes, teatro, jogo, passeios e variedades seriam do próprio Garrett, segundo Lima (LIMA, Henrique C. Ferreira. “Garrett jornalista”. *Jornal do Commercio e das colônias*, Lisboa, 8 de maio de 1926).

<sup>26</sup> MATOS, Joaquim. “Os primeiros passos do Romantismo: *O Toucador*, de Garrett”. Porto: junho de 1999, p. 5. Disponível em: <<http://www.alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/jmatos01.rtf>>. Acesso: nov. de 2013.

<sup>27</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa: Das origens a 1865*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, p. 428 e 429. Escreve Tengarrinha: “Como dissemos, o jornal cessou definitivamente em 17 de setembro de 1827, dia em que são presos os seus redatores, entre os quais Garrett, encerrado na cadeia do Limoeiro durante três meses”.

<sup>28</sup> Trata-se de outro jornal com o mesmo título. O primeiro foi dirigido por Paulo Midosi.

<sup>29</sup> Teria sido o primeiro jornal a tratar única e exclusivamente de temas teatrais. Coincide com o período em que Almeida Garrett está responsável por criar o Conservatório Dramático e fazer construir o Teatro Nacional Dona Maria II.

<sup>30</sup> A partir daqui, usaremos a sigla *RUL*.

<sup>31</sup> Todos os dados aqui apresentados, foram levantados a partir do site da Hemeroteca Digital da Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/RUL.pdf>>. Acesso: dez. de 2013.

– Crónica Judicial, Artística, Científica, Literária, Agrícola, Comercial e Económica de Todo o Mundo. Os escritórios da redação estão em Lisboa, no 1º andar do nº 107, da Rua dos Fanqueiros. A revista é impressa na Typografia de J. A. S. Rodrigues, situada na Rua da Condeça (sic), nº 19, também em Lisboa. Nas doze páginas de cada edição da *RUL*, estão dispostas as mais variadas matérias. Não sendo perceptível claramente um princípio estruturante dos conteúdos, é evidente a atenção dada a temas relacionados com a agricultura e a indústria, que são desenvolvidos sob a forma de conselhos práticos ou tendo em vista a divulgação de recentes experiências e invenções realizadas em Portugal e, sobretudo, em outros países europeus, como a França e a Alemanha, mas também nos Estados Unidos da América. De qualquer modo, pode-se observar certas editorias, como “Variedades”, “Notícias”, que se subdividem em estrangeiras, Portugal e outras. O fato de a origem ou o contexto da informação se encontrar em evidência, sob a forma de subtítulo, reflete, de qualquer modo, a preocupação em conferir à publicação uma imagem cosmopolita e moderna.

Até o final do ano de 1841, são publicados 14 edições, num total de 170 páginas. Como é comum nesta época, a *RUL* foi concebida para ser colecionável, pelo que as suas páginas apresentam uma numeração contínua. As próprias notícias são numeradas, de forma que, a cada conjunto de 48 edições (um ano, compondo quatro séries, em um volume), está associado um índice, o que confere à *RUL* o aspecto de uma enciclopédia em fascículos. Além do mais, cada artigo aparece numerado, como um verbete.

No ano seguinte, 1842, o jornal conhece as primeiras reformulações. Logo no primeiro número, com data de 6 de janeiro, é visível um esforço de simplificação, quer do título do jornal, que se resume agora a *Revista Universal*, quer do grafismo, sendo abandonada a moldura floreada das páginas e o uso de um tipo cursivo nos títulos, que lhe conferiam uma imagem antiquada. Ainda no que concerne às reformulações que a *RUL* conheceu em 1842, importa destacar que o título de *RUL* é usado pela primeira vez no número 3, de 20 de janeiro desse ano. Não é dada qualquer explicação para esta mudança, e a revista é impressa na Typographia da Gazeta dos Tribunaes, na Rua dos Fanqueiros, nº 29. Mas nada é definitivo: até 17 de março, verifica-se uma utilização hesitante de um e outro título e, curiosamente, a cada um deles está associada uma tipografia diferente. A assunção definitiva do título *RUL* ocorre a 24 de março, no quadro de uma reforma mais ampla, cujo programa fora anunciado nas duas edições anteriores à referida. Da sua leitura depreende-se que a mudança – materializada numa maior diversidade de assuntos tratados – procura dar resposta às críticas e sugestões dos leitores e sua viabilidade decorre da utilização de “uma

fundição nova de formoso typo miúdo”. Em cada volume da *RUL* há, ainda, uma lista dos colaboradores, onde figuram, ao lado de correspondentes anônimos, nomes de vulto da literatura portuguesa, como Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, José da Silva Mendes Leal e Bulhão Pato, entre muitos outros. Refira-se ainda que o número de colaboradores é sempre superior a meia centena, atingindo o seu máximo (144) no Vol. IV (1844-45), que coincide com o do último ano da direção de António Feliciano de Castilho. No Vol. IX (1849-50), já sob a direção de Sebastião José Ribeiro de Sá, constam apenas 43 colaboradores, mas, nos volumes seguintes, esta informação deixa de ser prestada. Além de inúmeras referências bibliográficas, foram muitas as obras portuguesas, mas também algumas traduções, editadas na *RUL*, como *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett (1846), *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano (1844), *Flor-do-mar*, de Mendes Leal Júnior (1843), *Rosa e Thesoiro*, de João de Andrade Corvo (1843), *D. Sebastião-o-desejado*, de Francisco Maria Bordallo (1844), *O preso*, de Sebastião José Ribeiro de Sá (1847), dentre muitas outras.

É também em 1842 que aparece, pela primeira vez, o preço do jornal avulso, que é de 80 réis; por sua vez, verifica-se que o valor das assinaturas, anunciado na primeira página, sofre um aumento da ordem de 25% em relação aos valores iniciais. No entanto, esta alteração só afeta os novos assinantes, já que para os fundadores os preços se mantêm inalterados. O jornal é parco em informações sobre as tiragens praticadas, que provavelmente se ajustariam ao número de assinantes. No entanto, quando António Feliciano de Castilho apresenta aos leitores o programa de “Reformação da Revista Universal”, referindo-se ao ano de 1841, dá a entender que a tiragem atingiria os 3.000 exemplares (nº 9, da *RUL*, de 10 de Março de 1842). Na última edição do Volume IV, de 19 de junho 1845, António Feliciano de Castilho despede-se dos leitores da publicação, com um balanço dos quatro anos da sua direção, justificando as suas opções editoriais com razões de pendor nacionalista e dando-se por satisfeito com os resultados alcançados. A partir daquela data, até 2 de dezembro de 1847, o jornal passa a ser dirigido por José Maria da Silva Leal. No “Prólogo” do Volume V, ele reafirma a missão educacional da *RUL* e anuncia ligeiras alterações na nomenclatura das seções que, doravante são: “Conhecimentos Úteis”, “Litteratura e Bellas-Artes” e “Variedades”, onde constarão as notícias, sob o título “correio nacional” e “correio estrangeiro e outras curiosidades”.

A partir de junho de 1853, a *RUL* conhecerá uma edição muito irregular, pontuada por algumas tentativas de reformulação, com impacto no seu formato, na sua periodicidade, nos seus conteúdos, etc., mas o seu tempo

de vida esgotara-se. Em 1859, a RUL interrompeu-se definitivamente.

#### 4 Militância política e jornalística

É ainda no período em que o periódico está dirigido por António Feliciano de Castilho que se inicia a publicação de *Viagens na minha terra*. Como a publicação do trabalho sofrerá percalços, sendo interrompida, num primeiro momento, depois retomada desde o seu início, seguindo, então, até o final, mas sempre com alguns saltos em relação às edições semanais da publicação, o roteiro desenvolvido por José Pereira Tavares é bastante útil.<sup>32</sup>

1. O capítulo I apareceu no tomo II, edição nº 48 (17 de agosto de 1843), p. 593-595;
2. Os capítulos II a VI se editam no tomo III. Antes do capítulo V, contudo, a redação da revista permitiu-se fazer imprimir uma “advertência”, tema a que voltaremos, posteriormente;
3. Com o capítulo VI, interrompe-se a publicação (7 de dezembro de 1843, portanto, quase 4 meses após iniciada, não sem que (a redação, ainda uma vez?) se divulgue, logo após o texto de Garrett, sob o título “Lei da imprensa”, uma “Breve nota ao capítulo precedente”; a partir daí, a publicação cessa;
4. O capítulo I é reeditado no tomo V, edição nº 1, com algumas modificações, como os capítulos que se seguem e que já haviam sido publicados na mesma revista;
5. Os capítulos II a XVI aparecem nas edições de nº 2 a 16;
6. O capítulo XVII salta uma edição, saindo no nº 18, e assim se segue até o capítulo XXIV, um capítulo por semana, até a edição nº 25, entre 23 de outubro e 11 de dezembro de 1845; nesta última edição, aparece o texto que, mais tarde, serviria para a segunda edição da obra, a primeira em livro, em 1846;
7. Os capítulos XXV a XXXVIII estão publicados no tomo V, edições 26, 29 a 33; 38; 42 a 48, ou seja, com algumas intermitências; na edição 49 da revista, iniciar-se-ia o alegado segundo tomo da publicação em livro, já que as primeiras edições em livro estavam divididas em dois tomos;
8. A edição 34, embora não trouxesse estampado o texto de Garrett, anunciava a publicação do primeiro tomo – em livro – de sua obra;
9. Na edição 36, anunciava-se a disposição de se retomar a publicação da obra e, na edição seguinte, explicava-se que as atividades parlamentares do autor eram responsáveis pelo atraso da circulação dos novos capítulos das *Viagens na minha terra*;<sup>33</sup>

explicava-se que, para compensar o atraso, e quebrando-se o padrão até então adotado, sendo por isso mesmo necessário o aviso,<sup>34</sup> publicar-se-iam dois ou mais capítulos, se necessário fosse;

10. Finalmente, os capítulos XXXIX a XLIX integram o tomo VI (de 1846 a 1847), mas ainda com intermitências, sendo publicados nas edições 6, 12, 16, 18 a 25 (2 de julho a 12 de novembro de 1846).

Em obra que analisa as relações entre a literatura, a história e a política em Portugal, naquele rico mas conturbado período (da revolta liberal de 1820 ao final do governo da Regeneração, de Mouzinho da Silveira, de que Garrett participou ativamente), alguns pesquisadores destacam textos publicados pelo escritor no jornal *O Chronista* que, segundo o catálogo da exposição sobre Garrett enquanto jornalista, circulou entre 1826 e 1827, ou seja, logo após o retorno de Garrett a Portugal, vindo do exílio de Londres. Este jornal foi editado por ele e por Paulo Midosi, seu permanente companheiro de militâncias políticas, e a cujas edições o próprio Garrett se refere, com orgulho: “[...] dos jornais que de 1826 a 27 se publicaram em Lisboa, o Portuguez e o Chronista, os quaes muito me glorio de haver fundado, e depois em maxima parte sustentado e dirigido...”<sup>35</sup>. Neste volume, um artigo de Sérgio Nazar David põe em relevo alguns textos daquele jornal, dentre os quais um artigo chamado “Sobre a imprensa”, significativamente publicado na editoria de “Política”, em que se lê, em certa passagem:

Por que não atribuiremos a causa a uma força, cuja ação constante, enérgica, irresistível, triunfou de todos os obstáculos, e abriu a todos os povos, aperfeiçoando a razão humana, a carreira que tinham alguns deles decorrido já com fruto? Existe esta força, beneficio inapreciável da Providência; ela desafia os ataques dos inimigos da liberdade e da dita do homem: reconheçamo-la na imprensa, nesta arte maravilhosa que sabe saltar pelos tempos e lugares distribuindo igualmente a todos os homens os mais variados conhecimentos. [...] A imprensa haveria realizado a imortalidade da alma humana considerada em sua inteligência, se este dogma consolador fosse conforme a opinião dos desgraçados materialistas uma simples ilusão do amor próprio. A imprensa é quem diz ao tirano: “Cessa de oprimir” e ao hipócrita: “Não pretendes escravizar-nos enganando-nos”. [...] Mas logo a imprensa divulgou os acontecimentos e fez

<sup>32</sup> TAVARES, José Pereira. “Prefácio”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*, São Paulo: FTD, 1992, p. XXI.

<sup>33</sup> Guarde o leitor esta observação, porque ela nos ajuda a fortificar nossa tese, exposta mais adiante e como uma das conclusões deste trabalho.

<sup>34</sup> Este comentário é nosso e terá sua explicação na análise que se segue.

<sup>35</sup> COSTA, Jorge. “Catálogo”. In: CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1999, p. 31.

rapidamente circular as notícias, abriram-se todos os olhos, e tamanho já é o número dos observadores que não é possível encobrir todos os crimes. [...] Não é somente a imprensa o órgão de opinião, senão que a protege, a defende, administra-lhe armas, e deve ser reputada como a parte mais preciosa da herança do gênero humano. [...] Eu estabeleço pois uma de duas cousas, ou que os amigos da mentira hão-de abolir a imprensa, ou que há-de chegar o dia em que esta há-de aniquilar o erro. Porque apenas está descoberta esta arte, e já há olhos para ver e cabeças para julgar. A imprensa é o órgão verdadeiro e do Santo Espírito; por ela, como pelo benefício das línguas, ressoa por todo o Universo a verdade do Evangelho. [...] A imprensa, por sua só existência, deveria convencê-los de que a intenção do Senhor é destruir toda a mentira; porque não há cidade grande onde não haja imprensa, e não há imprensa no mundo que não dê um golpe mortal ao erro.<sup>36</sup>

Retiremos ao texto a ênfase e o entusiasmo. Aqui se desenham as funções e as responsabilidades de uma imprensa então nascente em Portugal, nascente no sentido de serem publicações que experimentam a liberdade de imprensa e que, neste sentido, cumprem com algumas funções básicas, que aqui podemos destacar como: formação de opinião pública; combate à mentira; e ampla divulgação de informações para a defesa da verdade.

É com esta perspectiva que Almeida Garrett se engaja numa militância que, se pode chegar às armas, busca, sobretudo pela letra escrita, numa verdadeira função pedagógica, difundir suas idéias e princípios, sobretudo a democracia e a necessidade do desenvolvimento para Portugal, projeto, aliás, caro a boa parte dos Românticos em geral, tanto da Europa quanto das Américas (veja-se o caso brasileiro), mas que encontra, principalmente em Garrett e Herculano, dois discípulos fiéis e devotados.<sup>37</sup> Neste sentido, tem razão Isabel Vargues quando indica a função pioneira de Garrett na imprensa lusitana: ele ajudou a criar e a desenvolver esta imprensa e, em todo o momento em que pôde se expressar, destacou sua importância.<sup>38</sup> Por ser jornalista e como jornalista, ele esteve preso, durante três meses, na cadeia do Limoeiro, em 1827, quando editor daquele mesmo *O Portuguez*. Por ser jornalista liberal, sofreu profundos e radicais ataques do padre José Agostinho de Macedo, especialmente com *Cartas de José Agostinho de Macedo a seu amigo Joaquim José Pedro Lopes*, editadas em Coimbra, em 1827.<sup>39</sup>

À semelhança de John Milton que, em 1644, pronunciou contundente discurso em defesa da liberdade de imprensa, também Almeida Garrett, em março de 1827, rebela-se contra a intenção do governo em criar impostos sobre os jornais, escrevendo:

atribuir taxas aos jornais, veículo absolutamente único por onde algumas ideias se vão propagando entre o povo, e desassombrando um pouco a pesada névoa com que nos acobertou a ignorância, necessária companheira do absolutismo, é querer destruir à nascença esse único meio de ilustração, aniquilar a liberdade de imprensa, triste pupila que ainda geme sob a dura tutela de que tarde se emancipará.<sup>40</sup>

Junto com Herculano, em 1850, Garrett voltará à liça contra a tristemente conhecida “Lei das rolhas”, legislação pretensamente libertária, mas que não enganou aos escritores e jornalistas, vindo a ser revogada pouco depois, pelo Duque de Saldanha, abrindo caminho para a regeneração, a que aqui já aludimos.

Deste modo, pode-se afirmar que, de 1820 até sua morte, pouco mais de três décadas mais tarde, Almeida Garrett não só militou na imprensa quanto a defendeu veementemente, em nome da liberdade e da democracia do país. Com *O toucador*, de 1822, abriu caminho para a imprensa dirigida às mulheres; com *O Portuguez* inaugurou uma imprensa politicamente combativa e graficamente moderna, com o uso de três colunas de composição por página.<sup>41</sup> Isabel Nobre Vargues chega a dizer que Garrett antecipou Rodrigues Sampaio, o grande editor do A revolução de setembro, de caráter nitidamente republicano.<sup>42</sup> Garrett fundou jornais, financiou jornais, dirigiu e redigiu jornais e colaborou com jornais. Sua estreia literária em livro impresso é contemporânea aos primórdios da liberdade de imprensa em Portugal.<sup>43</sup> Enfim, em sua maturidade, escolheu um jornal para editar a que se considera sua obra mais acabada, as *Viagens na minha terra*.

<sup>36</sup> DAVID, Sérgio Nazar. “Garrett: O fim do primeiro exílio e o semanário *O Cronista* (1827)”. In: NEVES, Lúcia Maria bastos Pereira das et alii. *Literatura, história e política em Portugal (1820-1856)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007, p. 43.

<sup>37</sup> Garrett pratica tanto o jornalismo cultural quanto o político, enquanto Herculano dedica-se mais ao jornalismo cultural.

<sup>38</sup> VARGUES, Isabel Nobre. “Garrett jornalista”. In: CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1999, p. 15. Numa passagem de seu artigo, ela cita afirmação do escritor, feita no “Prospecto do *Portuguez*”, em 1826: “Ora, não é menos difícil a arte de escrever num jornal: os escritos periódicos, certo que por efêmeros e mui variados de matéria, têm mais liberdade e nem exigem nem comportam tanta precisão e elegância como pode ter um tratado... Porém têm outras dificuldades que não são menores, nem somenos”.

<sup>39</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa: Das origens a 1865*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, p. 422.

<sup>40</sup> VARGUES, Isabel Nobre. “Garrett jornalista”. In: CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1999, p. 17.

<sup>41</sup> VARGUES, Isabel Nobre. “Garrett jornalista”. In: CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1999, p. 19.

<sup>42</sup> VARGUES, Isabel Nobre. “Garrett jornalista”. In: CABRAL, Luís (Coord.). *Garrett jornalista: Catálogo da exposição*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1999, p. 19.

<sup>43</sup> Trata-se de *Retrato de Vênus*, publicado em Coimbra em 1821. A referência está em: COELHO, Latino. *Garrett e Castilho*. Lisboa: Santos & Vieira, 1917, p. 122.

## 5 A adequação entre mensagem e canal ou, se quiserem, entre forma, conteúdo e veículo

Entramos, agora, na questão central, que nos levou a este artigo: por que *Viagens na minha terra* foi editado originalmente em uma revista – ou jornal – e no que implica a relação entre o suporte escolhido e a forma adotada para este texto, verdadeiramente pioneiro e desbravador, como se pretende comprovar. O que lucrou (ou perdeu) o texto com tal alternativa e como se organizou o mesmo ao longo do tempo? Em última análise, quais as reações que provocou nos primeiros leitores contemporâneos?

Na editoria “Variedades”, da edição 48 do tomo II, de 17 de agosto de 1843, nas páginas 593 a 595, imprime-se o primeiro capítulo de *Viagens na minha terra*. A revista, com 26 cm de altura, não dá nenhum destaque à publicação. Apenas a separa, com uma pequenina vinheta, da matéria anterior e publica uma nota introdutória:

O escripto, cuja publicação agora encetamos, é exemplar de gênero precioso e novo em nossa litteratura. A seu auctor, o Sr. Conselheiro ALMEIDA GARRETT, que nos honra com a sua amizade e collaboração, cabe a gloria de ter aberto mais este caminho, que outros apoz elle tem seguido e hão de seguir. – O theatro moderno, e o romance pátrio fundou-os elle incontestavelmente. As impressões de viagens, como em todos os paizes de adiantada civilização hoje se escrevem em grande abundancia, – estrêa-as também elle agora.

No que damos á luz offerecemos pois aos frivolos um estudo desenfastiado, – aos estudiosos, uma recreação prestadia – aos ingenhos fecundos, um incentivo poderoso.<sup>44</sup>

O texto, como o conhecemos, inicia-se com a epígrafe de Xavier de Maistre. A página da revista é dividida em duas colunas. O texto começa na parte baixa da segunda, continua em toda a página 594 e se encerra na parte alta da segunda coluna da página 595, com uma assinatura de iniciais, “A. G.”, a que se segue o alerta da redação, comum ao romance folhetim tradicional, tal como se o vinha praticando pelo menos desde 1836, nas páginas do francês *La Presse*, de Paris, que o inaugurou, e era copiado em todos os jornais do mundo inteiro: “(Continuar-se-á)”.<sup>45</sup>

A publicação do texto de *Viagens na minha terra*, contudo, não foi isenta de percalços, na própria revista. Publicando um capítulo do futuro livro, na forma de folhetim, em cada edição da revista (comparação cuidadosa que fizemos), quando se chega ao quinto capítulo da obra, na edição 14 do tomo III, datada de 23 de novembro de 1844, páginas 163 a 164, seu texto é antecedido por uma “Advertência”, firmada por “A Redação”, que de certo modo antecipa ou defende de certa censura o escritor, nos termos seguintes:

É a *Viagens na minha terra* obra política e partidária para deverem estranhar o vê-la em nossa folha?! Eis aqui a este respeito candidamente a nossa opinião. O autor é um dos sectários sabidos e confessados da opposição. No seu escrito dá testemunho disso mesmo: mas o seu escrito, ainda assim, não deve ser havido como político. Em obras literárias e poéticas do gênero desta, ao revés das obras científicas, técnicas ou de qualquer outro modo didáticas, o estilo é o fundo principal e às vezes o todo: a doutrina ocupa o segundo lugar e às vezes nenhum; é como em certas músicas: agradam e não se lhes pergunta pela trova.

Se a *Viagens na minha terra* vai como romance bem está, e bem estamos; o restante que lembre em furta-coras as da esquerda, as da direita, ou as do centro – pouco mal e pouco bem virá por aí à república: que nem já hoje se transformem opiniões com palavras, nem com duas ou três frases desgarradas no meio de uma relação leve e faceta se hão delas nunca transformar. Os que tomarem a política pelo carço deste fruto literário, comam-no deitando fora o carço; os que a julgarem casca, comam-no, sem a casca – os que a tomaram pela polpa não na comam – e temos correntes as nossas contas.<sup>46</sup>

<sup>44</sup> *Revista Universal Lisbonense*. Lisboa: Imprensa Nacional, edição 48, tomo II, p. 593 a 595. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1842-1843/Agos>>. Acesso: dez. de 2013.

<sup>45</sup> “Foi em *O Portuguez* (Lisboa, 30 de outubro de 1826-17 de setembro de 1827) que Almeida Garrett se pode considerar o verdadeiro criador do folhetim em Portugal, num notável escrito a propósito da ópera *Didone*, de Mercadante, publicado a 28 de abril de 1827”, registra um historiador da imprensa portuguesa (TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa*: Das origens a 1865, Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, p. 816). O autor está a referir-se, de passagem, ao surgimento do folhetim na imprensa portuguesa. Logo adiante, fala sobre o folhetim-crônica, mas curiosamente, ainda que o conceitue enquanto “análise espirituosa da vida da sociedade” não vincula este tipo de crônica a qualquer prática jornalística de Garrett. Se é correto diferenciar o folhetim, em sentido estrito, do folhetim-crônica, como deseja o autor, há que se diferenciar, igualmente, o folhetim, neste mesmo sentido estrito, do romance-folhetim. Remetendo-nos a Antonio Candido, em “A vida ao rés-de-chão”, lemos: “antes de ser crônica propriamente dita, foi *folhetim*, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias” (CANDIDO, Antonio. *A crônica*: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Rio de Janeiro, UNICAMP/Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 15); ou seja, como já registrou Antonio Hohlfeldt, o folhetim é, em primeiro lugar, um lugar físico do jornal: o rodapé da primeira página (HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve certo por linhas tortas*: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre – 1850-1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003). Quanto ao conteúdo, ele é, como afirma Antonio Candido, um comentário sobre as questões do dia. Quanto ao romance-folhetim, é aquele espaço ocupado pelo texto de um romance, que passa a ser *fatiado* diário ou semanalmente, para caber naquele espaço que lhe foi dedicado. Assim, o corte arbitrário marcou os primeiros romances *em folhetim*, diferença mostrada por Marlyse Meyer (MEYER, Marlyse. *O folhetim*: Uma história. São Paulo: Cia. das Letras, 2001). É quando Alexandre Dumas passa a organizar seu texto de tal forma que, ao final do espaço, a ação suspensa causará o suspense que fará com que o leitor procure o jornal no dia seguinte, para saber o desfecho da cena. É este que se instaura, propriamente dito, o romance-folhetim. No caso de Garrett, vê-se que ele trouxe para Portugal a prática do folhetim. A tese que defendemos, contudo, pretende que, além disso, ele praticaria igualmente o romance-folhetim ou o folhetim-crônica, como quer Tengarrinha, nos termos em que se desenvolve pouco adiante, no corpo principal deste ensaio.

<sup>46</sup> Todas as citações da publicação na *RUL* foram buscadas na Hemeroteca Digital de Lisboa. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1843-1844/Nov>>. Acesso: dez. de 2013.



O texto pode ser lido como uma espécie de reflexão do diretor da publicação, tentando antecipar-se a algum problema ou, pelo contrário, é uma defesa do texto que tenta ser o mais eficiente possível, talvez sugerida até pelo próprio escritor, ao se dar conta de eventuais pressões contra a publicação.

Contudo, na edição seguinte, de 30 de novembro, nada é publicado. O capítulo VI aparece apenas na edição de 7 de dezembro, nas páginas 186 a 188, mas imediatamente seguido de uma “Breve nota ao capítulo precedente”, sob a chamada “Lei de imprensa”, inclusive com uma numeração diversa daquela utilizada para o próprio texto de Garrett.<sup>47</sup> No texto, que é longo (praticamente uma página da publicação), o autor – anônimo (a redação? o autor?) – discorre profundamente sobre o texto, como se realizasse sua exegese. A partir de então, a publicação de *Viagens na minha terra* é interrompida, sem qualquer explicação ao leitor e só será retomada quando António Feliciano de Castilho já deixou a direção da revista. É sob a direção de José Maria da Silva Leal que, em 26 de junho de 1845, a narrativa é retomada. A publicação faz uma longa explicação, que ora parece sugerir que teria sido o autor quem decidira não mais publicar, ora simplesmente pretende esquecer a situação anterior e retomar o contato com o escritor. Registrando que Garrett havia modificado significativamente o texto original dos capítulos já publicados, a revista decide reeditá-los, agregando que, também por causa do intervalo de tempo decorrido, isso facilitaria a leitura do texto para o leitor interessado. A revista repete, então, a nota introdutória original, com que se iniciara a primeira publicação, e reimprime o primeiro capítulo do livro.

Retomemos, agora, todas as questões levantadas até aqui para que possamos dispô-las e analisá-las:

1. O primeiro registro que nos interessa é a indicação, por Marcelo Backes, de que haveria algo de reportagem no texto de *Viagens na minha terra*;<sup>48</sup>
2. O romance de Carlos e Joanhina, que teria nascido apenas como chamariz para o leitor popular, acaba por transformar-se numa espécie de chave do texto;<sup>49</sup>
3. A dificuldade que todos os críticos têm encontrado em acomodar o texto de *Viagens na minha terra* a um modelo de gênero pré-existente;
4. As múltiplas atividades políticas do escritor seriam responsáveis pelo eventual atraso da publicação dos textos para a revista, conforme nossa nota;<sup>31</sup>
5. A revista, quando retoma a publicação de *Viagens na minha terra*, alerta que, no afã de levar sua publicação até o final, poderá acumular dois ou mais capítulos numa única edição, o que caracteriza (a revista) como uma quebra de procedimento padrão;

6. O formato do folhetim, pelo qual optara originalmente Almeida Garrett pode ser considerado como uma escolha consciente ou foi apenas uma alternativa mercadológica?

A tese que levantamos, e que está explicitada já no título deste texto, é que Almeida Garrett escolheu conscientemente, na procura de um espaço e na busca de um estilo para se expressar, uma revista (ou jornal, como queiram) como a *RUL*. Todos os historiadores e estudiosos da obra do escritor reconhecem que ele sempre valorizou a imprensa pela sua função didática e libertária na sociedade portuguesa, naquela época ainda em busca de uma democracia formal mais constante e equilibrada. Da poesia ao texto prosaico, entre o livro e o jornal, Almeida Garrett evidencia compreender que havia diferenças profundas nas funções sociais complementares, conforme buscamos evidenciar nas citações aqui transcritas em torno da importância da imprensa e do jornal. Garrett lutou permanente e tenazmente contra a possibilidade da censura à imprensa, conforme se depreende desta sua passagem:

As dificuldades da censura avultam dia a dia; os perigos de escrever redobram. Não me desanimara isso; mas desanima-me a inutilidade de escrever. E nem ainda assim me impedira isso de fazê-lo, mas os obstáculos da censura têm crescido de tal modo que não é possível escrever. Não basta cortar, é necessário substituir ainda às palavras e aos pensamentos do escritor as palavras e as ideias que manda o censor. Não há homem de bem que queira escrever assim.<sup>50</sup>

Por outro lado, ele apresenta evidente compreensão a respeito do que seja um jornal, enquanto empreendimento, inclusive capitalista: assim, além de fundar, dirigir, colaborar e redigir inúmeros jornais, investiu alguns capitais próprios. José Tengarrinha indica que o primeiro jornal criado em Portugal por uma sociedade de ações foi justamente *O Portuguez*, de Garrett, em 1826, antecipando-se ao que se faria, mais tarde, com o *A*

<sup>47</sup> Como mencionamos anteriormente, cada notícia tinha uma numeração contínua. No caso do capítulo V, a “Advertência” foi estampada sem qualquer numeração. Aqui, ao contrário, a “Breve nota” está claramente separada do texto de Garrett, embora se inicie fazendo alusão explícita àquela advertência anterior.

<sup>48</sup> BACKES, Marcelo. “Um autor sem escola”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*, op. cit., p. 7.

<sup>49</sup> Conforme indicação acima, ainda na abertura deste trabalho.

<sup>50</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa: das origens a 1865*, op. cit., 2013, p. 436, nota 32. O texto referido foi publicado na última edição de *O Portuguez*, quando o jornal foi fechado e ele mesmo aprisionado, conforme queria seu principal detratador, o Pe. José Agostinho de Macedo. Registramos, igualmente, que esta passagem apresenta lamentável atualidade: basta aplicá-la, por exemplo, às experiências vividas pelos editores dos jornais alternativos brasileiros *Opinião e Movimento*, após o Ato Institucional nº 5, que levou essas publicações à censura prévia, tal como se realizava em Portugal, na época do escritor.

*Revolução de Novembro*.<sup>51</sup> Se Garrett adere a e se utiliza desta nova fórmula de empreendimento jornalístico, não menos claro é seu entendimento a respeito da liberdade do escritor em escolher onde e como deve escrever e publicar. Juntamente com Alexandre Herculano, dentre outros, não só defendeu os direitos autorais do escritor quanto sua independência política e ideológica, conforme a declaração (ou manifesto) que ele redigiu e apresentou, na sessão de 3 de setembro de 1846, da Liga ou Associação Promotora dos Melhoramentos da Imprensa, e que foi igualmente assinada por Alexandre Herculano. O texto é relativamente longo, mas dele destacamos:

Os abaixo-assinados, escritores públicos e homens de letras, solenemente declaram que entendem ser inteiramente alheios às questões materiais e positivas do governo da Nação e às dos partidos em que ela se divide, o mister das letras, das ciências e das artes, e que por isso não reputam quebra do próprio pundonor e lealdade à livre cooperação do escritor em qualquer publicação periódica, empresa ou sociedade, para fins puramente literários, embora o espírito dessas publicações, empresa ou sociedades portuguesas represente ideia diversa das suas nas questões políticas da atualidade.<sup>52</sup>

Mais que isso, contudo, os críticos e estudiosos de Almeida Garrett são unânimes em evidenciar que o escritor sempre buscou uma aproximação com o leitor, de modo a ser lido e compreendido, alcançando exercer, desta maneira, seu objetivo maior, que era pedagógico. Neste sentido, sua compreensão do jornalismo e da imprensa em geral deve ser aproximada daquele princípio que sempre norteou o publicismo inglês e de que ele certamente se imbuíu, devendo-se lembrar seus dois exílios em Inglaterra. Tengarrinha explicita esta questão, não apenas em relação a Garrett, mas no que toca às relações estabelecidas entre a literatura e a imprensa, relações, aliás, igualmente existentes e buscadas, quer entre os homens de letras e jornalistas franceses (lembramos Honoré de Balzac), quer entre os homens de letras e os jornalistas brasileiros (consulte-se, a respeito, dentre outros, Antonio Candido e Wilson Martins, por exemplo):

O jornalismo dava assim aos grandes escritores oportunidade para tornar públicas as suas ideias, comunicando com um mais vasto espectro de leitores do que os culturalmente mais exigentes, confinados às publicações de maior fôlego. E, para além da transitoriedade do valor intrínseco dos artigos, há que salientar a influência exercida sobre o gosto do público e sobre outros gêneros literários. Traço marcante é, assim, a relação que esse jornalismo de opinião ou romântico estabelece com o leitor.<sup>53</sup>

Desde os anos 1820, ficou aqui cabalmente documentado, Almeida Garrett colaborou assiduamente com jornais. Depois de 1826, quando retorna a Portugal do primeiro exílio inglês, funda dois jornais políticos, *O Portuguez* e *O Chronista*. Naquele período inicial, ao editar *O Toucador*, buscara concretizar dois objetivos: informar e modelar o comportamento de sua jovem noiva e depois esposa; e, para isso, constituir uma linguagem simples, fluente e compreensível. São esses dois objetivos que perdurarão em toda a sua militância pessoal, muitas e muitas vezes consubstanciada na atividade jornalística. Ele não pôde se limitar às páginas de um livro em volume, lido por absoluta minoria num Portugal carcomido pelo analfabetismo. Ele escolhe, pois, conscientemente, o jornal como veículo de aproximação ao grande público, com quem quer colaborar e a quem deseja ajudar a sair da ignorância e da subserviência política. Daí, em sua maturidade, busca produzir um texto que, inovando na forma, simplificando – na aparência – a linguagem, e divulgando-o em um jornal, permita-lhe discutir com seus concidadãos, se não no dia a dia, ao menos semanalmente, aquilo que, cotidianamente, ocorre no país, ao mesmo tempo em que apresenta ideias, desenvolve raciocínios e, por via das dúvidas, para garantir a leitura, inclui uma trama de agrado a todos os leitores, que é o romance entre Carlos a Joaninha, romance que não precisa terminar bem, porque, afinal, ao encerrar o texto, seus objetivos foram atingidos. Mas, é nesse romance que, sobretudo, ele descobriu poder representar, simbolicamente, a si mesmo e ao drama dos portugueses, conforme explicita Francisco Manuel Silveira:

A denúncia da grande contradição romântica a que não escapara Portugal: o Liberalismo sob cuja bandeira se fizera a Revolução e, mais particularmente, o movimento constitucionalista português, resultara num grande (ma)logro. É este (ma)logro que Garrett vai examinar em *Viagens na minha terra*, buscando-lhe as causas e razões. (...) Lê-se, portanto, na fábula sentimental de Carlos e Joaninha que a vitória do Liberalismo foi alcançada à custa de lamentáveis equívocos e perdas, redundando num malogro. Afinal, o movimento liberal triunfou em Portugal através de uma guerra civil que dividiu muitos familiares, a começar pelos irmãos D. Pedro IV e D. Miguel. Com o Liberalismo surgiram os barões capitalistas do constitucionalismo, vitoriosos sobre o espiritualismo e a religiosidade.<sup>54</sup>

<sup>51</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa: das origens a 1865*. 2013, p. 881, nota 14.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 917-918, Apêndice VI.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 616.

<sup>54</sup> SILVEIRA, Francisco Maciel. “Viagem à roda de *Viagens na minha terra*”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens a minha terra*. São Paulo: FTD, 1969, p. 8-9, 13.

Maciel indica, ainda, que a organização sob a perspectiva da circularidade, que a obra adota, mostra, exatamente, o desejo de “recuperação de um tempo primordial [mítico], quando ocorreu uma história exemplar prenhe de significado para a coletividade”.<sup>55</sup> Garrett tinha competência para realizar o empreendimento pois, desde jovem, dedicara-se ao estudo dos romances portugueses e de sua literatura popular. Com essa opção, ao mesmo tempo, garantia a atenção dos seus leitores, pois que tratava – aparentemente – de matéria conhecida, estabelecendo, assim, uma estratégia de comunicabilidade<sup>56</sup> que ultrapassou em muito suas expectativas, pois o livro continua sendo lido e seu conteúdo permanece atual, ainda para os leitores contemporâneos.

Eis, então, as opções formais de Garrett: editar em jornal um texto que, renovado a cada semana, trouxesse à discussão e à atenção do leitor temas contemporâneos, de modo a levá-lo à compreensão de sua realidade. No jornal, optou pelo espaço do folhetim. Quanto à linguagem, o escritor estende a mão ao leitor, na bela metáfora de João Gaspar Simões: ele quer conversar, ele quer contar histórias como sua velha Brizida, a ama da infância, o fizera. Daí o estilo coloquial, o tom conversacional, o dirigir-se diretamente ao “benévolo leitor” ou ao “leitor amigo”, estabelecendo familiaridade entre o narrador (que é o alter ego do autor) e o leitor,

associando-o tão intimamente aos seus pensamentos e aos seus passos que o não abandona um instante, ou, quando porventura o faz, é para logo, em seguida *lhe* dar satisfação do abandono a que o votou, quer porque se permitiu uma digressão fora do assunto principal da sua conversa fiada, quer porque, tendo-se esquecido de que se detivera, obrigando o leitor a deter-se com ele, tal qual dois amigos que seguem na estrada fora e no momento mais caloroso da discussão para e ficam parados, à torreira do sol ou ao castigo da chuva.<sup>57</sup>

Simões aprofunda sua análise, mostrando que o narrador (neste caso, o autor, travestido em personagem), é uma espécie de olhar intermediário entre o leitor e os acontecimentos: o narrador olha os fatos e depois os relata, mas mais que isso, relata-os comentando-os e explicando-os, contextualizando-os, para que eles se tornem claramente compreensíveis a todos. Daí o tom jornalístico: existiu uma viagem real que acaba servindo de ponto de partida para o projeto do texto, no que resulta um “livro todo – caleidoscópico, aquarílico, ajuntamento de reflexões e de ideias”, como conclui Marcelo Backes.<sup>58</sup> Maria de Fátima Marinho se equivoca ao avaliar, mas acerta ao mostrar que “*Viagens na minha terra* não pode ser rigorosamente considerado um romance histórico, uma vez que as suas referências extra-textuais se reportam a uma história recente, a guerra civil entre liberais e

absolutistas”:<sup>59</sup> era a respeito desse contexto que Garrett pretendia esclarecer seus leitores contemporâneos. Assim, a viagem que serve de motivo para a narrativa não é apenas uma viagem pelo interior do país, mas sobretudo pelo interior de sua realidade político-social. Por isso, uma “aproximação da língua falada que, no entanto, não deixa de ser literária, isto é, conscientemente artística”, conforme anotam António José Saraiva e Óscar Lopes<sup>60</sup> resultando num trabalho inovador e pioneiro:

Ninguém “entrara tão sutilmente na análise do que há de convencional, fictício ou autêntico na vida sentimental, na confusão de verdade e de mentira, de vida actual e de sobrevivência que é o todo afectivo de cada indivíduo; e ninguém pôs em termos tão agudos o problema do desgarrar da personalidade na mudança de tudo, ligando-o, ao mesmo tempo, ao cepticismo superveniente a uma causa generosa que degenera; Carlos descrê de um seu amor verdadeiro, ao mesmo tempo que descrê da revolução que substitui o domínio do frade pelo barão capitalista do Constitucionalismo, preparando-se ele próprio para a comédia da vida social com o futuro trunfo político nesse liberalismo mistificado.”<sup>61</sup>

Combinam-se, assim, a novidade do suporte – jornal, na forma do folhetim<sup>62</sup> – com a novidade do idioma – a língua falada – e a novidade temática – a política contemporânea, como observam, ainda, António José Saraiva e Oscar Lopes.<sup>63</sup>

Isso explica o sucesso contemporâneo e a permanência da obra. Mas se ainda houver alguma dúvida sobre a questão, observem-se as datas de início da alegada viagem, na narrativa, e a de publicação do primeiro folhetim: “São 17 do mês de julho, ano de graça de 1843, uma segunda-feira”, indica o narrador;<sup>64</sup> quanto à publicação, confirma-se o registro de que o primeiro capítulo da obra, no formato de folhetim, saiu no dia

<sup>55</sup> SILVEIRA, Francisco Maciel. “Viagem à roda de Viagens na minha terra”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens a minha terra*. São Paulo: FTD, 1969, p. 14.

<sup>56</sup> O conceito é de Martins Barbero. (BARBERO, Jesús Martin. *Dos mídias às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997)

<sup>57</sup> SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*, op. cit., p. 135-137.

<sup>58</sup> BACKES, Marcelo. “Um autor sem escola”. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*, p. 15.

<sup>59</sup> MARINHO, Maria de Fátima. “O aproveitamento da história na obra literária de Almeida Garrett”. In: *Bibliotheca Portucalensis*, II série, n. 13-14, 1998-1999. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, p. 72 e 73.

<sup>60</sup> SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto-Coimbra-Lisboa: Porto Editora; Livraria Arfnado; Empresa Litográfica Fluminense, 1975, p. 772.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 776.

<sup>62</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa: Das origens a 1865*, p. 560.

<sup>63</sup> SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*, p. 776.

<sup>64</sup> GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Sá da Costa, 1954, p. 9.

17 de agosto daquele mesmo ano de 1843,<sup>65</sup> dado que se confirma com a consulta, digitalizada, da referida publicação,<sup>66</sup> exatos trinta dias depois de iniciada a viagem.

Em suma, a fama e o reconhecimento do autor não são gratuitos. Mais do que isso, contudo, importa reconhecer e valorizar a sensibilidade do escritor e do militante, capazes de combinar, artisticamente, a mensagem com um código e um canal coerentes. Teve razão Marshall McLuhan quando, pouco mais de um século depois, vai afirmar taxativamente: “o meio é a mensagem”,<sup>67</sup>

indicando com clareza as íntimas relações que existiriam entre forma e conteúdo; mais, entre mensagem e suporte, de onde a qualidade artística e a eficiência cultural da obra. McLuhann também se originara do campo literário, quando passou a explorar as fronteiras da comunicação...

Recebido: 10 de novembro de 2013  
Aprovado: 05 de dezembro de 2013  
Contato: [anamunari@terra.com.br](mailto:anamunari@terra.com.br)  
[a\\_hohlfeldt@yahoo.com.br](mailto:a_hohlfeldt@yahoo.com.br)

<sup>65</sup> DANTAS, Júlio. “Prefácio”. p. V: “O primeiro capítulo apareceu, a 17 de agosto do mesmo ano, numa publicação inspirada por Castilho [...]”.

<sup>66</sup> Já que a revista mantinha paginação corrida. *Revista Universal Lisbonense*. Verbete 2011, p. 593. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1842-1843/Agos>>. Acesso: dez. de 2013.

<sup>67</sup> McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.